

AS VOZES DAS RUAS

Certezas e indefinições nos protestos populares de 2013¹

Pedro Célio Alves Borges²

Juliano Martins Rodrigues³

Leandro Bernardes Borges⁴

Marina Lemes Landeiro⁵

Marcello Soldan Garbelim⁶

(Universidade Federal de Goiás)

ABSTRACT

Interpretations of protests that emerged in 2013 in the streets of major Brazilian cities will gradually confirming the heterogeneity of desires and tendencies in claims for change. On the one hand, there was widespread outrage quickly against politicians and the political system, and emphatic denunciations of the precariousness of public services. On the other, only with the passage of time will be featuring that senses and conservative political orientations, at worst, reactionary, also shared the slogans and banners from the streets. This article brings together research notes made in 2012, 2013 and 2014, with the technique of focus groups in three cities in the midwest of the country that highlight the similarities in the speeches of protests with the arguments of the respondents. Thereafter, highlights some content related to demands for a new form of politics.

Keywords - Street protests; Qualitative Analysis; New forms of Politics

RESUMO

As interpretações dos protestos que em 2013 emergiram nas ruas das maiores cidades brasileiras aos poucos vão confirmando a heterogeneidade dos desejos e tendências presentes nas reivindicações por mudanças. Por um lado, registrou-se com rapidez a indignação generalizada contra os políticos e o sistema político, além de denúncias enfáticas da precariedade dos serviços públicos. Por outro, somente com o passar do tempo vão se caracterizando que sentidos e orientações políticas conservadoras, no limite, reacionárias, também compartilharam os slogans e as bandeiras das ruas. Este artigo reúne anotações de pesquisa feitas em 2012, 2013 e 2014, com a técnica de grupos focais, em três cidades do centro-oeste do país, que realçam as semelhanças dos discursos nos protestos com os argumentos dos entrevistados. A partir daí, destaca alguns conteúdos relacionados às demandas por uma nova forma da política.

Palavras-chave – Protestos de rua; Análise qualitativa; Novas formas de política

¹ Versão original apresentada como Comunicação ao “GT Ciências Sociais”, durante o 3º. Congresso Ibero-Americano de Investigação Qualitativa, realizado de 14 a 16 de julho de 2014, na Universidade de Extremadura, cidade de Badajoz/Espanha. Apoio: Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Goiás - FAPEG

²Pedro Célio Alves Borges é doutor em Sociologia pela UnB, professor da Faculdade de Ciências Sociais-UFG e pesquisador do Observatório das Metrôpoles (Núcleo de Goiânia). É membro da Sociedade Brasileira de Sociologia, tendo participado de sua diretoria em dois mandatos, de 2007 a 2010.

³Juliano Martins Rodrigues é mestre em Sociologia pela UFG, sociólogo analista da Controladoria Geral do Estado de Goiás.

⁴Leandro Bernardes Borges é mestre em Desenvolvimento Sustentável pela UnB, professor de Relações Internacionais na Pontifícia Universidade Católica de Goiás e diretor do Instituto Ágora Pesquisas-Goiânia.

⁵Marina Lemes Landeiro é mestre em Sociologia pela UFG, professora da UEAP e pesquisadora do Observatório das Metrôpoles (Núcleo de Goiânia).

⁶Marcello Soldan Garbelim é mestrando em Sociologia pela UFG e pesquisador do Instituto Ágora Pesquisas-Goiânia.

I. INTRODUÇÃO

A onda de protestos e reivindicações iniciada em 2010 nas grandes cidades ao norte da África, e que rapidamente se estendeu para as principais cidades da Europa e das Américas, produziu espaços discursivos de notável convergência nas interpretações. Regra geral, os analistas de matiz política, acadêmica e jornalística coincidiram na ansiedade de buscar explicações generalizantes para os movimentos de rua, de uma forma que quase sempre obscurece os registros sobre as especificidades por eles adquiridas em cada contexto institucional. Através dessa macro-abordagem, os protestos são alçados à categoria de fenômenos que se consubstanciam em escala global, de escopo único e revelado prioritariamente a partir de suas motivações anti-sistêmicas.

Ainda que caiba reconhecer sentidos comuns e linearidades nas cenas da Praça Tahrir (Cairo), dos *occupy Wall Street* (Nova York) e dos “indignados” da *Puerta Del Sol* (Madrid) – para citar as mais emblemáticas –, a averiguação das articulações entre demandas e sentimentos populares com os processos vividos em suas respectivas sociedades também auxilia no entendimento das rebeliões.

Neste artigo, repassamos observações de pesquisas sobre as percepções das denominadas *peessoas comuns* acerca das recentes manifestações de rua no Brasil, capazes de incidir nas suas disposições subjetivas para carrear validação ética e legitimidade às ações de protesto. Nos anos de 2012, 2013 e 2014, investigamos discursos sobre o que a imprensa e os auditórios muitas vezes chamaram de “indignação generalizada dos cidadãos” utilizando a técnica de grupos focais. Nossa proposta foi de sondar quadros de valores e posições políticas dos entrevistados frente a temas tacitamente relacionados às manifestações das ruas. Para tanto, a investigação contou com o total de 24 grupos focais, cada um deles reunindo oito eleitores residentes em três cidades do centro oeste brasileiro - Goiânia, Rio Verde e Inhumas.

II. A ABORDAGEM QUALITATIVA NA APREENSÃO DA LINGUAGEM POLÍTICA

O objeto comum às pesquisas nos três diferentes momentos esteve nos discursos que expressavam insatisfação dos cidadãos comuns com a situação presente em suas vidas, em suas cidades e no país. A partir de 2013 também foram debatidas as percepções dos cidadãos comuns sobre os protestos coletivos. A técnica utilizada foi a de entrevistas coletivas em grupos focais

(GF). Realizamos GFs em três cidades do centro-oeste brasileiro: Goiânia, capital regional e sede de região metropolitana; Rio Verde, considerada cidade média; e a terceira, Inhumas, município de pequeno porte da Região Metropolitana de Goiânia⁷. Os três municípios localizam-se em territórios demarcados por atividades produtivas ligadas ao agronegócio e desenvolvidas com alta tecnologia. Em comum, elas também apresentam comércio intenso e acentuado predomínio de populações urbanas: respectivamente, 99%, 92% e 93% (BRASIL, 2011).

Inhumas situa-se a oeste de Goiânia, cerca de quarenta quilômetros. A cidade tem origem no século XIX, quando por algumas décadas era comum que tropeiros e viajantes acampassem à margem da Estrada Real, que levava a Goiás, antiga Capital, para descanso e alimentação. Entre os que se instalam no local, nota-se um expressivo contingente de imigrantes sírio-libaneses, italianos, portugueses, espanhóis e japoneses, atraídos pelas terras roxas e pelas isenções de impostos aos que ali fixassem residência e atividades produtivas. Lavouras de café logo se destacam entre essas atividades, seguidas de pomares de goiabas (nativas e fartas na região) e laranjas. Até 1931, ano em que é emancipada à condição de município autônomo, Goiabeiras (primeiro nome de Inhumas) permanece Distrito, Povoado e Vila de Itaberaí. Os inhumenses entram no século XXI envolvidos vendo a maior parte das terras do município tomadas pela produção de cana, destinada às usinas de álcool e açúcar. Seus negócios e serviços, além do comércio, complementam-se e integram-se às dinâmicas da capital e à Região Metropolitana de Goiânia.

Rio Verde ostenta o título de capital do agronegócio goiano. Essa característica ganha corpo no município a partir da década de 1970, com projetos de ocupação produtiva do cerrado financiados pelas políticas agrícolas do regime militar. Grandes produtores do sul e sudeste do país, além de agricultores americanos, são atraídos para Rio Verde por meio das facilidades e incentivos públicos (Programa PoloCentro). Todos eles dotam a exploração da terra com tecnologias e maquinários sofisticados, que rapidamente transformam o município em um dos maiores produtores de grãos no estado e no país, com predomínio da soja. A liderança econômica de Rio Verde na região rebate em constante influência na política de Goiás, desde a Primeira República. Sai de Rio Verde a principal base goiana do movimento de 1930, que resulta na substituição do domínio regional dos políticos da cidade de Goiás. No episódio emerge a liderança do médico Pedro Ludovico Teixeira no cenário estadual, que vai perdurar

⁷ O Censo de 2010, da IBGE, registrou população 1,3 milhões de habitantes em Goiânia, 176.502 em Rio Verde e 48.212 habitantes em Inhumas.

por cerca de quatro décadas. Atualmente, Rio Verde conta com extensa e moderna rede de comunicações, ensino superior e serviços. Sua população desenvolve ativo circuito cultural e experimenta os principais problemas e virtudes da vida urbana.

Goiânia foi planejada e construída nos anos 1930 para sediar a capital de Goiás. O rápido crescimento da nova cidade deixa-se perceber já no início da década de 1950, quando sua população residente ultrapassa em três vezes as proporções pensadas no plano original. Além das funções de capital, torna-se entreposto das ondas migratórias do sul e sudeste rumo à Amazônia. A intensa atividade política na cidade por parte de estudantes, camadas médias e sindicalistas e o protagonismo das elites estaduais em significativos momentos nacionais ao longo do séc. XX instituíram uma autoimagem dos goianienses de tendência ao protesto e ao questionamento dos poderes. Na entrada do século XXI, os efeitos da expansão urbana desordenada de Goiânia reforça essa configuração subjetiva: precariedade nos serviços de saúde e transporte coletivo, concentração de rendas, especulação imobiliária, corrupção de governantes, degradação ambiental, segregação dos modos de vida, intensificação da criminalidade e da violência e crescente déficit habitacional, entre outros problemas. Numa palavra, desde 2009, segundo a PNUD (ESP, 2010) registra que Goiânia lidera as capitais brasileiras no ranking da desigualdade social e ocupa a décima colocação entre as cidades latino-americanas.

Embora tenhamos lidado com pesquisas distintas e realizadas em anos diferentes (2012, 2013 e 2014), nos três empreendimentos os roteiros para os GFs continham um tópico-guia para estimular a verbalização dos entrevistados a respeito do momento atual da sociedade brasileira. Associado a essa avaliação também solicitou-se que os entrevistados explicitassem seus sentimentos e expectativas quanto ao futuro do país e de suas próprias vidas: se de otimismo, pessimismo ou indiferença. Outro ponto comum esteve na seleção dos componentes dos GFs em universo constituído pelos mesmos segmentos sociais, nas três rodadas e nas três cidades. Isto porque as finalidades estabelecidas às pesquisas relacionavam-se à detecção de valores e atitudes políticas⁸ nos estratos denominados de “classe média tradicional” e “nova classe

⁸ A pesquisa de 2012 aconteceu nos meses de junho e julho, para avaliar ações de campanha eleitoral de candidatos a prefeito em suas cidades (5GFs em Goiânia, 4 em Rio Verde e 4 Inhumas). No ano seguinte, em maio e junho, buscou-se avaliar o desempenho do mandato de um deputado estadual, visando captar seu potencial eleitoral para a disputa a deputado federal nas próximas eleições (6GFs em Goiânia). Em fevereiro de 2014 formamos 5GFs em Goiânia, também visando avaliar o potencial eleitoral de um veterano político de esquerda, que iria decidir sobre sua eventual candidatura a deputado federal nas eleições de outubro próximo.

média”⁹. Reunimos GFs de “jovens” e de “adultos”, combinando as faixas etárias do Censo de 2010 e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE): de 16 a 29 anos e de 30 a 55 anos.

O fato das datas de realização dos GFs de 2012 e de 2013 terem coincidido com ocorrências de manifestações de ruas no Brasil, com grande repercussão na imprensa – inclusive nos horários nobres de televisão, beneficiou a posterior possibilidade de leitura unificada dos relatórios, na forma do presente trabalho. Essa condição foi, então, explicitada nos tópicos-guias do roteiro dos GFs de 2014, bem como na posterior operacionalização dos conjuntos de significados, das análises comparativas e da construção das sínteses interpretativas.

Ao lado da linguagem das ruas e dos GFs, textos da imprensa diária e dos meios acadêmicos compuseram uma terceira fonte para auscultar a percepção coletiva sobre os protestos. Em cada conjuntura contamos com uma profusão de informações, imagens e construções teóricas, passíveis de constituir um pano de fundo valioso para delinear a operação unificadora dos três resultados de pesquisas.

Operamos sob um percurso fenomenológico básico. De início, estimular nos GFs *interações discursivas* que nos permitiram aproximação aos *estoques de conhecimento* dos entrevistados. Em seguida, acionar *fluxos de duração das consciências* acerca dos temas elencados como *zonas de relevância* no pensamento dos entrevistados. Buscamos atingir a virtude apontada em pesquisas com GFs, de propiciar aos participantes a “condição de *rapport*”, isto é, de fazê-los sentirem-se confiantes e desinibidos para afirmar opinião e divergir sobre o *mundo da vida*, em linguagem do senso comum – mantendo-nos atentos aos cuidados de sempre ter em mente que o senso comum normalmente pode assumir a aparência de um universo discursivo que “não é homogêneo... é incoerente... [e] apenas parcialmente claro. [... E] não está livre de contradições” (SCHULTZ, 1979) Noutras palavras, estabelecer um ambiente “similar ao que ocorre na formação da esfera pública, como vista por Habermas” (GASKEL, 2002). A linguagem, neste aspecto, “...no solo tiene capacidad de referirse a hechos objetivos, sino que también es capaz de crear significados intersubjetivos” (ALONSO, 1998).

Este procedimento auxiliou-nos, ademais, a estabelecer constante atenção ao risco inerente às abordagens qualitativas, de filtrar as exposições e argumentos coletados através de apriorismos e preconceitos dos pesquisadores. Assim, ao passo em que procuramos evitar a

⁹ No primeiro segmento, a seleção buscou indivíduos com características de “líderes de opinião” (MILS, 1961). Para o segundo segmento, o recrutamento centrou-se em tipos sociais beneficiados pelas políticas sociais dos dois governos Lula (LAMOUNIER, B.; SOUZA, A., 2010; RICCI, 2010; SOUZA, 2011). Em todas as rodadas das pesquisas, os GFs tiveram participação dos autores deste texto, no âmbito do *Instituto Ágora Pesquisas*.

retenção de nossas observações no plano narrativo em que os entrevistados expressaram o seu *conhecimento prático*, incumbimo-nos também de separar e agrupar os conteúdos dos discursos em categorias que preservassem as relevâncias e hierarquias de significados de maneira semelhantes às de suas experiências sensitivas originais.

Do material parcial de cada GF e dos relatórios finais de cada rodada de pesquisa destacamos alguns depoimentos e conteúdos que entre si mostravam significados conexos, visando instituir agrupamentos discursivos ou contextos significativos. Ao cotejar as *sintaxes associativas* mostradas nesses contextos, chegamos, por resultado, a visíveis homologias com os conteúdos estruturantes das bandeiras exaltadas nas ruas e, também, estruturantes do noticiário.

Neste exercício, as *expertises* dos pesquisadores adquiridas em anteriores trajetórias de interpretação política e análises de conteúdo serviram de recurso efetivo para ancorar as aproximações e classificações ordenadoras do léxico relativo aos níveis cognitivo, afetivo e avaliativo dos entrevistados nos GFs.

III. EIXOS CONCEITUAIS - CONTEÚDOS POLÍTICOS

Para os entrevistados, o ato de ir às ruas manifestar insatisfações é associado a valores positivos. Nesse sentido, os depoimentos iniciam-se com raciocínios que, de modo geral destacam o caráter virtuoso dos protestos: “o povo nas ruas é uma condição fundamental para a democracia. Esse direito está acima das justificativas da repressão, mesmo em situações que exigiram a ação policial para manter a ordem”.

A concordância com a premissa da liberdade de manifestação aparece nos GFs com relativa facilidade quando os cenários lembrados são as derrubadas de ditaduras na Tunísia, no Egito, no Yêmen e na Líbia. Trata-se de processos semelhantes, em intensidade e origem a estímulos dialógicos, aos pronunciamentos espontâneos colhidos nas pesquisas dos anos 1980 no Brasil, quando milhões de brasileiros manifestam-se em ruas e praças por eleições diretas, constituinte e democratização das instituições.

Entretanto, quando a pauta de debates chega às formas violentas das rebeliões, as evocações abonadoras dão lugar a um *segundo plano do pensamento*, de efeito disjuntivo ao anterior. Nessa inflexão, fluxos de conteúdos distintos, ou mesmo opostos aos primeiros, entram nas mesmas orações dos entrevistados, pontilhando-as com afirmativas ora antagônicas ora inacabadas, descontínuas ou reticentes. Relativização dos pontos de vista e controvérsias

afloram nos relatos sobre os *Black Blocks* e suas ações violentas no seio das manifestações. Aparecem julgamentos de imediata condenação às quebradeiras de ônibus e vidraças de bancos, invasões de parlamentos e outros estabelecimentos simbólicos do poder instituído e do capital financeiro, assumindo termos que negam a lógica soreliana para a *moralidade da violência*¹⁰. As três pesquisas caracterizaram esse entrecruzamento valorativo de radicalidade dos protestos combinado a condenação dos atos de destruição da propriedade, tanto nas percepções dos jovens quanto nas dos adultos:

Aí já são aproveitadores, que querem tirar proveito político. Nós temos de fazer as denúncias da bandalheira que está por aí, mas se for pra quebrar as lojas e os ônibus, então não é a finalidade [...] Acaba prejudicando o próprio movimento”. (JOVEM, Goiânia – 06/2013).

Com o vandalismo não dá pra concordar. Tem um bando de aproveitadores que vão se misturar, mas não estão nas reivindicações, eu tenho certeza. Dá medo! [...] Foi por isso que [protestar nas ruas] não continuou, afastou muita gente. (ADULTO, Rio Verde – 02/2014).

As reivindicações dos estudantes brasileiros por passe livre no transporte coletivo das maiores cidades foi o estopim para unificar as mobilizações em 2013. A elas se somaram vozes diversas e demandas heterogêneas, sob formas que influenciaram para que os analistas fixassem na “tendência para a difusão” uma essência dos movimentos (BURKE; ORTIZ; BERRADA; CORTÉS, 2010) Essa foi uma singularidade das manifestações brasileiras perante as demais explosões de massas que se alastravam nos demais continentes.

Um esboço das formas de estabelecer pontos comuns à análise conjugada dos protestos deve dar centralidade ao tópico “indignação contra o sistema político”. A polissemia das ruas unificava-se nas palavras de ordem contra os governos, qualquer governo, de direita ou de esquerda, local ou nacional. Esse sentimento dá-se, em especial, em razão das falhas creditadas

¹⁰ As ideias predominantes nos escritos de Georges Sorel fazem com que ele seja avaliado como uma “figura anômala” na galeria de ideólogos, teóricos e profetas do século XIX. Isaiah Berlin afirma no prefácio da obra mais divulgada de Sorel (*Reflexões sobre a violência*) que suas teses constituíram “a primeira grande rebelião contra o ideal racionalista do progresso ilimitado e do bem estar sem tensões, dentro do marco de um sistema social harmonioso no qual as questões sociais ficariam presumivelmente reduzidas a problemas técnicos”. A partir desse pressuposto, Sorel busca situações históricas que legitimam o uso da violência e lhe emprestam referendo ético. Na França e outros países europeus, em épocas não distantes, os atos de resistir com violência eram exaltados pela nobreza e glória que as Guerras da Liberdade traduziam: “...as guerras tornam-se suporte ideológico da afirmação nacional, carregados de epopeia e poesia”, diz o autor. Sorel ainda denuncia a maneira fácil com que, na vida moderna, nos entregamos, ao preceito de que a violência somente é legítima quando usada em nome das razões do Estado. A pergunta que ele propõe ao leitor é de saber “se não há um pouco de tolice na admiração que nossos contemporâneos têm pela suavidade”. Ver especialmente os capítulos 3 e 6 de “Reflexões sobre a violência” (Sorel, 1993).

aos governos em relação às promessas da construção democrática, que deixa a maior parte dos habitantes nos grandes centros urbanos sem serviços públicos ou com serviços de qualidade precária.

Vejamos quatro desses eixos comuns que, embora configurem sentidos acoplados na realidade, aqui eles aparecem separados em blocos de significados de acordo com as nomeações que recebem no noticiário dos protestos e nas classificações dos analistas, além dos termos que a eles se mostraram correspondentes nos debates dos GFs:

A. Crise da democracia representativa

O rechaço dirigido aos políticos, aos partidos, aos parlamentos, aos sindicatos e outras formas associativas clássicas demonstra que a crise da política antecede aos protestos de 2013 e é cumulativa. Em suas raízes mais profundas estão os fracassos de líderes e instituições que, reiteradamente, deixam de cumprir as promessas da democracia: de combater a corrupção, de aumentar a participação e a transparência dos governos e de desenvolver políticas públicas eficientes para melhorar a vida das maiorias. No caso brasileiro, a frustração e o desencanto aparecem acentuados quando os entrevistados localizam suas decepções nos sucessivos governos eleitos a partir dos compromissos com essas promessas e neles passam a perceber atuações que mais preservam do que fazem diminuir os antigos problemas.

Além desse aspecto, os desgastes dos dirigentes políticos acabam amplificados pelos escândalos de corrupção que alimentaram o noticiário nos últimos anos, em especial os escândalos envolvendo líderes do Partido dos Trabalhadores, que emergiu na vida política brasileira e, desta forma, venceu eleições para governos locais e federal, revestido da simbologia de ser um partido diferente dos demais.

Essa política é uma montanha russa, ninguém sabe quem é de quem aqui. Em uma eleição o cara tá do lado de cá, no outro ano tá do lado de lá. (ADULTO - 07/2012)

...Ganha as eleições quem tem dinheiro. Quem financia as campanhas? Os empresários. Então quem vai ter retorno? Vai ser aquele que financiou a campanha. (JOVEM - 02/2014)

Os partidos valem muito pouco no Brasil. Os políticos fazem e desfazem sem dar satisfação pra ninguém e depois voltam da mesma maneira nas próximas eleições. Só ganha quem eles querem... Nos bastidores uns compram os outros, fazem todo tipo de trapaça um com o outro, mas combinam de chamar

os inimigos de Vossa Excelência. Quem tem um pingão de vergonha não fica muito tempo na política. (ADULTO, 06/2013)

A gente está numa democracia que não é bem uma democracia, porque obriga a votar. Para ser um vereador você precisa ter muito dinheiro. [...] Eu acho que a gente tem as opções [que] não quer... (JOVEM - 02/2014)

B. Precariedade dos serviços públicos

Especialmente nas maiores cidades, mas não exclusivamente nelas, a piora na vida tem se acentuado em vários aspectos. O tempo e o cansaço entre a casa e o trabalho aumentaram nos últimos vinte anos. Em São Paulo, para ilustrar, a média nos deslocamentos para ida e volta do trabalhador de menor renda, de casa ao trabalho em transportes coletivos, entre 1997 e 2002, aproxima-se de duas horas e meia (BARONE, 2009). Além do *stress* da demora, o trabalhador fica sujeito à superlotação dos ônibus, tráfego engarrafado ou lento, terminais com tumultos, assaltos e riscos de acidentes. As declarações revelam o mal-estar urbano também na busca de proteção contra a violência e a criminalidade e na precariedade da saúde pública. Aos pobres a polícia desperta sentimentos de repressão e medo, os postos médicos mostram carências materiais crônicas e despreparo no atendimento. Outras marcas da vida nas cidades aparecem na progressiva degradação ambiental e na segregação socioespacial.

Acho que tem de melhorar muito na área da saúde. [...] Você é mal atendida. Às vezes é uma pessoa só atendendo a muita gente. A espera é muita, os médicos fazem de conta [que trabalham]. (ADULTO, 07/2012)

A gente não pode ter mais lazer com a família. Se você vai a um restaurante com a família, com os amigos, você está a mercê de ser assaltado. Eu acho que a segurança tem que estar mais atenta com isso. Porque senão a população vai ficar retida dentro de casa, com vontade de passear, e os bandidos, soltos. (JOVEM – 05/2013)

... os hospitais que eu já passei não tem esparadrapo (...). Muitas vezes falam que [o culpado] é o médico, é o enfermeiro, é o fisioterapeuta. Não! É a verba que não chega. Ou então o profissional vai atender hoje e só vai receber daqui a 6 meses. [...] Eu já vi notícia: “Enfermeira matou o menino porque trocou o canal de sonda”. Vai ver [ela] estava trabalhando há mais de 48 horas. (JOVEM – 02/2014)

Que solução pode ter eu não sei, porque nas eleições o assunto só é falado com demagogia. A gente vê na cara que eles não têm interesse de resolver. Querem ganhar voto e mais nada. Dá pra ficar descrente [...] Não tem como parar de trabalhar, mas às vezes eu penso que só se entrar nesses protestos. Nesses do

ano passado eu fui uma vez. (ADULTO – 02/2014)

C. Anticapitalismo e Anti-sistema

Um clamor contra os poderes instituídos sobressai nos GFs com termos difusos e metáforas semelhantes às dos cartazes levantados nas ruas. São constantes as retóricas de demonização da ganância do capital financeiro globalizado e das grandes empresas de mídia, dos monopólios nos mercados de investimentos, tecnologia e entretenimento. As distinções entre ricos e pobres povoam as reclamações essenciais dos entrevistados, que (vale registrar) as formulam sem relacioná-las a preceitos contrários à propriedade privada e sem proclamar ódios de classes. “Nossos sonhos não cabem em suas urnas”, estampou um cartaz dos “indignados espanhóis” – que reapareceu em paráfrases nas ruas de Nova York, Londres, São Paulo, Goiânia e outras cidades brasileiras. Porém, os conteúdos dos sonhos dificilmente são revelados nas expressões com que os entrevistados expressam indignação e vontade de mudança. Em resumo, uma fórmula em que o forte pendor anticapitalista acaba perfilado ao niilismo e à impotência para reagir.

... essa é a função do sistema, manter as pessoas alienadas, a não ter acesso à informação. Deixa a pessoa trabalhando no mínimo 8 horas por dia, cansadíssima. Ela chega em casa não dá conta de mais nada. (JOVEM – 06/2012)

Tem que mudar tudo no sistema. As pessoas, a política. A cultura tem que ser mudada de alguma forma. Do jeito que está, vai demorar muito. (JOVEM – 06/2013)

Vocês já notaram que rico não reclama da política, da economia, da vida...? Toda choradeira vem da classe média e dos pobres. Meu temor agora é de quando essa onda de consumo esgotar. Tem muita gente se endividando sem pensar lá na frente. Já tem sinais de inflação e de perda de postos de trabalho [...] Vocês viram no noticiário que o setor mineral e de exportação estão em baixa. Uma crise vai pegar só a classe média e os pobres. (JOVEM – 05/2013)

A raiz do problema está no sistema geral. A partir do momento que houver mudança, até mesmo no sistema econômico... [haverá] uma mentalidade diferente de distribuição, de dar educação pra todo mundo. (JOVEM – 02/2014)

D. Dificuldade para propor saídas políticas

Difícil concordar que os protestos de 2013 nas ruas das cidades brasileiras irromperam de forma abrupta. Eles vinham de antes, anunciados. Pediam menos do que o céu, somente o atendimento a carências básicas (NOGUEIRA, 2013). O caráter multicêntrico de suas pautas permitiu que autoridades e analistas lhes imputasse uma conveniente desqualificação política, no que foram auxiliados pelos atos de depredação dos *blackblocks*. Criou-se com rapidez a sentença de que os manifestantes não forjaram alternativas coerentes contra as precariedades urbanas e a degeneração das instituições “corruptas” que tanto denunciam. Vozes progressistas e conservadoras coincidiram ao propagar que “não basta saber o que não se quer, é preciso saber o que se quer” (ZIZEK, 2011). Nos GFs de nossas pesquisas, os raciocínios solicitados para dar sequência aos pontos de ruptura afetiva e racional com o sistema político, quase nunca eram explicitados por quem os declarava. Estes ficavam retidos na impaciência e na frustração, deixando uma massa bruta de reticências e contrastes lógicos para ser decifrada por quem disputa a liderança política e pelos cientistas sociais.

Se a política está desse jeito é porque o povo deixa. [...] Mas como ninguém não está nem aí, os políticos deixam o povo de lado. [...] O povo só vai atrás em época de eleição. Quer é vender o voto. Confesso que não vejo solução. (ADULTO – 07/2012)

A política virou profissão, esse é o problema. Falta participação em todas as cidades. Quando tem, a polícia reprime. Os estudantes de Goiânia viram no que deu desafiar e querer participar nas ruas. É sarrafo! Pura violência da polícia! (ADULTO – 05/2013)

Hoje o que a gente vê na televisão [sobre política]: corrupção, fraude. Jovens têm crescido com essa visão: ‘Pra que eu vou dar uma importância pra isso, se não me traz benefício algum?’ Eu faço minha parte, sabendo que não vai dar em nada. Estou descrente. (JOVEM – 02/2014)

Eu aposto que nas eleições deste ano os candidatos vão ser os mesmos e vão falar as mesmas coisas. Agora eles concordam com tudo que o povo mostrou nas passeatas. A Dilma foi a primeira a ir na televisão fazer o jogo de cena. Duvido que eles vão parar as negociatas e as mamatas [...] Gente igual ao Cachoeira e o Demóstenes não aparece, mas continua por trás, dando as cartas. Um ou dois que são cassados não se acaba com a corrupção. (ADULTO – 02/2014)

IV. A DEMANDA PELO “NOVO” NA POLÍTICA –DECODIFICAR A LINGUAGEM DAS RUAS

A insatisfação demonstrada pela população brasileira nas ruas tem repercussão simétrica nos grupos de pesquisa. Nas três rodadas que realizamos, a argumentação mostrava-se obstruída ou carregada de incompletudes quando o roteiro propunha expor alternativas e debatê-las. As lacunas evidenciadas nos movimentos de protesto, em que apressadamente alguns enxergaram vazio programático, coincidiam com as inconsistências e encruzilhadas lógicas dos participantes dos GFs. Predominantemente, a elaboração das respostas assemelha-se à rejeição libertário-anarquista que transpirou nas ruas. Ao lado das imprecisões, contudo, não se deve perder de vista que, nos temas em que as narrativas atingiam algum patamar de precisão e clareza, os termos a que chegavam repercutiam modelos e estruturas ideológicas conservadoras, quando não reacionárias. Os melhores exemplos nesse sentido emergem nas fortes ênfases dadas às soluções para os problemas de insegurança e medo gerados pelos ambientes de criminalidade, violência e tráfico de drogas nas grandes cidades. A redução da maioria penal tornou-se o emblema desta linha de argumentação, a partir da qual várias outras medidas, inclusive de cunho progressista, apareciam organicamente satelitizadas.

Certamente, a singular convergência dessas três inspirações (os justos motivos de indignação e as justas demandas populares em busca de serviços básicos de qualidade, o anarquismo atrativamente revestido da antipolítica e a fraseologia ideologicamente inclinada a um campo direitista e conservador) dificultou a que as manifestações elaborassem um programa unificado de intervenção, para levar ao debate público. Dessa forma, os protestos de rua saíram de cena em poucos meses, sem conseguir afirmar um poder de agenda. A influência a que tenham chegado está por ser desvendada e compreendida, e contará com um primeiro cotejamento revelador na conjuntura de debates e resultados das eleições gerais de 2014.

No plano imediato, os resultados alcançados pelas manifestações de rua junto aos governos foram reativos, como se verificou no atabalhado anúncio de medidas emergenciais feito pela presidente Dilma, no dia seguinte aos grandes atos de 20 de junho de 2013. Procurando estabelecer um tom de diálogo com os motivos dos protestos, o pronunciamento da presidente centrou-se na proposição de um pacto destinado à melhoria dos serviços públicos no país. Na operacionalização deste pacto, ela mencionou que seriam procurados para compor um fórum emergencial os governadores, prefeitos e representantes da sociedade civil e dos movimentos de rua. Os três focos anunciados para os debates iniciais vieram do adiantamento de programas em estudo no âmbito do Governo Federal: a elaboração do Plano Nacional de Mobilidade Urbana, a fim de privilegiar o transporte coletivo, a destinação de 100% dos

recursos da exploração de petróleo (Pré-Sal) para a educação e trazer, de imediato, milhares de médicos do exterior para ampliar o atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS).

Após um ano, em julho de 2014, já com a campanha eleitoral em andamento, em que a presidente Dilma busca a reeleição, viu-se que a oportunidade de instalar o amplo fórum de debates deixou de ser aproveitada e a articulação com os diferentes setores de gestão e da sociedade esmaeceu após algumas conversas protocolares com os líderes das ruas. Por sua vez, o governo empreendeu as medidas para destinar os recursos do Pré-Sal para educação, senão na ordem de 100%, mas de 75%, redução decorrente das negociações no Congresso Nacional, que deslocou 25% para a área da saúde. Além disso, a vinda de médicos do exterior foi implementada através do Programa Mais Médicos, vencendo resistências corporativas de grande parte das entidades de profissionais médicos em vários estados.

No cenário das mobilizações de rua e do imprevisto do discurso presidencial configuraram-se os efeitos da lacuna na comunicação entre o governo e os segmentos sociais que antes lhe eram simpáticos, permitindo-nos qualificar o episódio no contexto de uma crise de hegemonia. Governo e oposição não se mostrando capazes de recompor as articulações entre Estado e sociedade. Os depoimentos em nossos GFs claramente dizem que o PT abandonou o papel que antes desempenhara, de principal expressão das esquerdas do país para liderar as mudanças. Ao não executar as reformas estruturais que renunciava quando se tornou governo, o partido perde a capacidade hegemônica ao não mais colocar-se como força unificadora das mudanças há muito demandadas pela sociedade¹¹. No período antecedente aos protestos, para atender às exigências da governabilidade, a coalização nucleada pelo PT abdica desse papel. As mudanças são postergadas e o partido torna-se o *partido da ordem*, dedicado a reproduzir o velho e condenado jogo político. A cobrança da fatura surge nas ruas e, com linguagem semelhante, aparece nos GFs de nossas pesquisas.

As ruas exigem com veemência novas ideias e práticas políticas. Contudo, os elementos do que venha a ser o “novo” aparecem de modo fragmentado e com contornos pouco nítidos, às vezes indecifráveis. Assim também ocorreu nos GFs. Nas poucas exceções, notamos que nos reclames dos participantes sobressaíam demandas por gestões públicas baseadas em técnicas empresariais copiadas do setor privado, amparadas em presunção de clarividência e rigor lógico que não aparecia nos outros conteúdos. Sem dúvida, uma visão gerencial da política

¹¹Aqui, hegemonia tem o sentido gramsciano, que supõe a capacidade da liderança manter a confiança das forças políticas, através do convencimento e dos valores que professem com vistas a transformar o conteúdo da política e das instituições. O substrato da hegemonia consiste em formar vontades coletivas, indicar a direção ou o caminho a seguir, orientar as mudanças.

(produtivismo, eficiência e resultados quantificáveis através da relação custo-benefício), que, mesmo ganhando audiência fácil em corações e mentes afetados pela crise de confiança nas instituições, mostra sentido avesso ao da democracia. Suas premissas desconhecem conflitos, negociações, reuniões, arenas deliberativas, construção de consensos e outros ritos da democracia, que apontam para ganhos não mensuráveis. Rodadas de depoimentos com enfadonhos diagnósticos sobre as mazelas da política repetem-se em praticamente todos os GFs, sem que sejam sinalizados perfis, posturas ou discursos indicativos do chamado “novo”.

Ligar as pontas destes discursos fragmentados é uma tarefa da política. Sua realização requer lideranças que junto à comunidade assumam os difíceis encargos de unificar vontades divergentes, de construir consensos.

V. DEMANDAS ANTIGAS POR PRÁTICAS POLÍTICAS DIFERENCIADAS

Nas intervenções dos entrevistados os conteúdos relacionados a transparência, coerência, compromisso com participação e com projetos que se comprovem munidos de função social, são captados como premissas genéricas, desejadas em um “político ideal”. Nelas está presumido que tais qualidades “novas” sejam desconectadas de interesses particulares e de conluíus com o capital e o mercado.

Nos momentos em que se consegue fazer avançar as observações com esse caráter, passa-se a vislumbrar perfis de políticos que em momentos recentes os tenham preenchido e permanecido na memória coletiva. Sem que o roteiro dos debates mencionasse previamente nomes ou outro estímulo para evocar trajetórias pessoais, surgiram nos grupos algumas figuras para ilustrar e dar suporte e melhorar a nitidez das ideias e argumentos originalmente imprecisos. Uma lista extensa de nomes de políticos lembrados foi composta, com certa identificação icônica. Porém, com exceções, apenas em escassos tópicos eles encaixavam-se no figurino positivo antes esboçado: Lula *do primeiro mandato* na Presidência, Demóstenes Torres *anterior às denúncias de corrupção e vínculo com contraventores* e Fernando Henrique Cardoso associado ao *êxito da estabilização econômica*. Ressalte-se que para os três exemplos houve complementos de compreensão que, ao final, anulavam as referências virtuosas a eles destinadas nos GFs¹². Vale dizer, as operações mentais que sucedem as lembranças dos

¹² Estes três nomes foram comuns às pesquisas de 2012, 2013 e 2014. Lula, líder surgido nas greves e assembleias operárias, com imagem do líder popular, de esquerda. Demóstenes Torres, promotor público rigoroso e intransigente no combate à corrupção, portando a imagem do justiceiro e advogado do povo, do moralismo

entrevistados são de negação generalizada dos políticos e de primazia quase automática a valores antipolíticos.

As características “novas”, que podem devolver aos entrevistados (tomados de frustração e indignação) a confiança na política, reaparecem quando a reflexão remete aos períodos eleitorais. Podem ser expressas numa conjugação das seguintes qualidades:

- Honestidade

Ele é sério e muito capacitado [referência ao então senador Demóstenes Torres]. É a grande revelação dos políticos de Goiás e do Brasil inteiro: não admite roubo nem acoberta quem rouba (ADULTO – 07/2012)

[Quando] O Demóstenes candidatou pela primeira vez o caráter dele conquistou todo mundo. De repente, caiu tudo. A ética, a transparência, a honestidade que ele transmitia. Acabou tudo! (ADULTO – 06/2013)

- Segurança e Firmeza

O prefeito pra mim não precisa ser super-homem. [...] Tem de ser um prefeito preocupado com o bem estar da população, que tenha visão. Ele tem que ver onde está o problema e buscar a solução. Ele tem que pensar na cidade. (ADULTO – 07/2012)

Eu acho que é muito importante o governo [o governante] saber negociar, porque pressão acontece de todos os lados, de todos os grupos que apoiaram a eleição ou então que tem poder econômico para a economia [funcionar]. Eles precisam de ter os lucros deles. Mas há o momento de bater na mesa e decidir o que ficar negociado, senão nada vai andar. (ADULTO – 05/2013)

- Comprometimento com a justiça

Pode até melhorar os negócios e as vendas dos produtos, mas enquanto faltar condições pra um pai de família trabalhar e colocar comida em casa, é um sinal de que tem coisas erradas na política. Falar que o país é pobre não me convence. Só os pobres que pagam o pato? Rico reclama de imposto... e se eles tivessem de ficar nas filas dos Cais, aguentar desaforos e ainda sair sem os remédios contínuos? (ADULTO – 06/2013)

conservador associado à direita. Fernando Henrique, intelectual e ministro da Fazenda que controlou a inflação, com imagem do administrador ilustrado, atuando na social democracia, de centro.

[É preciso] mudar a constituição, uma reforma política para não haver reeleições. Tem que entrar gente nova, que conhece o sofrimento dos pobres. Aqui em Goiás mesmo, o filho do senador vira deputado, o filho do deputado vira vereador. Uma hora este ciclo vai terminar e abrir as oportunidades. (JOVEM – 02/2014)

- Competência para representar Goiás

Minha família chegou em Ouro Verde [interior de Goiás] em 1999, sem possuir nada. Dois trabalhavam pra sete bocas comerem. Hoje, nem meus pais e nenhum dos quatro casados pagam aluguel. Os de menor [menores de 18 anos] estão todos estudando. Não é melhor porque Goiás não força em Brasília pra valorizar os empregos e as lavouras. É muita gente que podia melhorar de vida. (JOVEM – 07/2012)

Do meu ponto de vista era [necessário] fazer os governos executarem o papel deles. Tornar Goiás respeitado, defender os interesses daqui. Fiscalizar melhor quem está lá em cima. (JOVEM – 02/2014)

Esse complexo de virtudes foi evocado para retratar mais diretamente o ex-senador Demóstenes Torres. Se aproximarmos da lista os indicativos de “competência” (no âmbito da visão técnico-empresarial da política) e de aptidão para coordenar vontades (própria do político “de vocação”), teremos então um primeiro painel revelado no mosaico a princípio indecifrável dos atributos esperados no “novo tipo político”. Mais do que indecifrável, descrente da possibilidade de que esse novo venha a surgir.

O que, então, trazem de inovador (ou inexistente na política) esses desejos e demandas pelo “novo”? A propalada inovação da política, quando as respostas e raciocínios dos entrevistados conseguem explicitá-la, traduz-se em padrões ou paradigmas que não são exatamente novos. Eles repõem características já enunciadas nos primórdios da política moderna, propagadora da democracia fundada em partidos e eleições. Estamos nos referindo aos atributos do *bom político*, definidos no plano da moral social de uma época ou no terreno das necessidades dos grupos que buscam representar-se na esfera pública.

Sem querermos negar que tendências de esgotamentos e crises operam sobre as conjunturas e os atores, trata-se de reconhecer que o poder envelhece os projetos e lideranças que nele se mantêm por tempos delongados. O poder tende ao conservadorismo, como as objeções mais consistentes ao estatuto da reeleição há muito enfatizam. Por isso, a lógica da alternância aparece nas relações entre os grupos e em meio aos valores que nutrem a consciência dos cidadãos comuns. Conforme as orientações seguidas nos debates públicos de uma época

determinada, as formas contrapostas ao poder são as que encarnam e formatam as expectativas de renovação no imaginário coletivo.

Ser honesto, confiável, justo e competente, além de presente nas bases (as indicações resumidas acima) constituem, desde sempre, as qualidades buscadas no bom governo. Essas indicações privilegiadas para definir o “novo” de fato traduzem anseios de inovação. No entanto, suas citações traduzem mais os desejos de posturas diferenciadoras dos agentes políticos, frente aos conhecidos modelos de nossos políticos antigos, do que exatamente novidades substantivas. Se houve um fio de unidade nos conteúdos das pesquisas realizadas nestes três anos, esse fio foi a rejeição da ordem política prevalecente e do tipo de políticos que nela viceja. Daí que seu oposto (de difícil verbalização pelos entrevistados), como tipo ideal ou como possibilidade a ser buscada, é a diferenciação nos métodos, na transparência das decisões, na coerência entre promessas e ações efetuadas no jogo político. É aquilo que deveria ser e não é, mas espera-se que venha a ser.

Em outras palavras, o “novo”, mais do que ser exatamente novo é na verdade “ser diferente”. O PT deixou de ser o “novo” na política brasileira quando não pôde prosseguir se autoproclamando diferente dos demais partidos e assumiu que apenas agia como os demais partidos agem, até mesmo para se defender durante o processo do “mensalão”.

CONCLUSÕES

A pesquisa qualitativa através de GFs permitiu adentrar ao interior dos discursos e ansiedades que, através das manifestações populares nas grandes cidades, tomaram o espaço público com denúncias da política como um conjunto a ser condenado em bloco. Assistimos em vários países, inclusive no Brasil, à condenação indignada de governos e formas tradicionais da representação política. Outros níveis do poder – inalcançáveis, globalizados e às vezes invisíveis – também foram alvos dos protestos.

Para produzir sínteses das associações livres e dos fluxos de consciência registradas nas entrevistas em grupo e, principalmente, conduzi-las a um plano de conclusões que faça avançar a compreensão dos fenômenos sociais, sabe-se que esse método coexiste com uma série de riscos, inerentes à sua execução. A relação social que se cria nos GFs como simulação da esfera pública visa estimular a que percepções e julgamentos sejam espontaneamente declarados pelos integrantes dos grupos. Nesse sentido, cercados das recomendações da literatura, verificamos uma consistente correspondência entre os conteúdos dos grupos e os das ruas.

Um gritante mal-estar causado pelas formas da política e pela precariedade da vida urbana – corrupção, privilégios e deterioração dos serviços públicos – esteve no centro dos resultados. A clareza e a contundência nos diagnósticos dos entrevistados não se faz suceder por soluções do mesmo porte. Os novos rumos desejados são apenas abstratamente esboçados, revelando posturas que oscilam entre desencanto, indiferença e impotência. Deslindar o “novo” foi o nosso problema na investigação.

Nesta conclusão cabe ressaltar que, para além da aparência antipolítica que dá revestimento a essa junção de subjetividades, é possível localizar nos protestos de rua apostas nas vantagens da integração cooperativa com a comunidade. Pudemos detectar sentimentos grogues face às decepções sucessivas, que se deixam perceber em discursos incompletos ou imprecisos, mas que não estão nocauteados. As ações negativas das atuais formas políticas evita simplesmente apregoar o abstencionismo.

Em sua essência, as vozes das ruas não exigem a supressão de partidos, eleições e outras experiências associativas, mas a sua regeneração. Clamam por padrões de vida pública, viáveis para formar bons governos, ou seja, gestões confiáveis no compromisso que expressarem com as mudanças em favor das maiorias.

Recebido em: 13/10/2014
Aprovado em: 05/11/2014
pcaborges@gmail.com
juliano_cs@hotmail.com
leandrouri@hotmail.com
inalandeiro@gmail.com
marcello_sg54@hotmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, L. E. *La mirada cualitativa en sociología*. Editorial Fundamentos: Madrid, 1998.
- BARONE, Márcia. “Pobreza e mobilidade – como os pobres se locomovem no espaço metropolitano”. In: BÓGUS, L.; PASTERNAK, S. (Orgs.) - *Como anda São Paulo*. Rio de Janeiro: Letra Capital / Observatório das Metrôpoles, 2009
- BRASIL. *Censo Demográfico de 2010. Resultados preliminares*. Brasília: IBGE, Nov. 2011.
- BURKE, S.; ORTIZ, I.; BERRADA, M.; CORTÉS, H. *Protestos mundiais 2006-2013*. Fundação Friedrich Ebert. [Em linha] Disponível em:

[HTTP://policydialogue.org/files/publications/World_Protests_2006-2013-Final.pdf](http://policydialogue.org/files/publications/World_Protests_2006-2013-Final.pdf) - Colhido em 3/12/2013.

ESP - O Estado de São Paulo. *Goiânia é a cidade mais desigual do Brasil* – <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,goiania-e-a-cidade-mais-desigual-do-brasil,526930,0.htm> – 18/03/2010 - Colhido em 18/01/2011.

GASKEL, G. “Entrevistas individuais e grupais”. In: BAUER, M.; GASKEL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LAMOUNIER, B.; SOUZA, A. *A classe média brasileira: ambições, valores e projetos de sociedade*. Rio de Janeiro: Campus, 2010.

MILLS, W. *A elite do poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

NOGUEIRA, M. A. *As ruas e a democracia*. Brasília: F. Astrojildo Pereira / RJ: Contraponto, 2013.

RICCI, R. *Lulismo: da era dos movimentos sociais à ascensão da nova classe média brasileira*. Brasília: F. Astrojildo Pereira / RJ: Contraponto, 2010.

SCHULTZ, A. *Fenomenologia e relações sociais*. RJ: Zahar, 1979.

SOREL, G., *Reflexões sobre a violência*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

SOUZA, J. *Batalhadores brasileiros: uma nova classe média ou uma nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

ZIZEK, S. “O violento silêncio de um novo começo”. In: HARVEY, D. *et. al*, *OCCUPY.SP: Boi Tempo/Carta Editorial*, 2011.